

INCLUSÃO: UM OLHAR A PARTIR DAS VIVÊNCIAS DOS BOLSISTAS PIBID NA ESCOLA

Ana Carla Vieira Pimentel¹
UFPA/Abaetetuba

Carlos Viera Pimentel²
UFPA/Abaetetuba

Dhessy de Fátima C. dos Santos³
UFPA/Abaetetuba

Resumo

A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais é um grande desafio para a educação. Assim, o presente trabalho objetiva buscar ouvir bolsistas pibid que vivenciaram através de estágios na Escola A no município de Abaetetuba/PA que é referência quando o assunto é inclusão na Rede Pública Estadual de Ensino sobre o que pensam em relação a inclusão de alunos com deficiência auditiva em sala de aula regular, visto que mesmo com leis que amparam a educação inclusiva percebemos que a inclusão representa ainda um desafio, para toda a comunidade escolar, principalmente para os professores que não possuem ou não dominam a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. Utilizando-se de relatos de bolsista e pesquisas bibliográficas. E conclui-se que para a efetivação, de fato, da educação inclusiva não vem a ser somente responsabilidade do professor, e sim de todo o sistema educativo, das políticas públicas e da sociedade em geral.

Palavras-chaves: Educação, Inclusão, Experiências.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática do Campus Universitário de Abaetetuba de Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e integrante do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: anacarlavieirapimentel@yahoo.com

² Graduando do Curso de Licenciatura em Educação do Campo com Habilitação em Matemática do Campus Universitário de Abaetetuba de Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e integrante do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: vieirapimentelc@yahoo.com

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Campus Universitário de Abaetetuba de Universidade Federal do Pará. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) e integrante do Grupo de Pesquisa: Memória, Formação Docente e Tecnologias. E-mail: dhessycardoso@hotmail.com

Introdução

A inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais é um grande desafio que a educação vem enfrentando atualmente. O presente trabalho tem como objetivo a necessidade de buscar ouvir o que os bolsistas Pibid, que atuam na escola que é referência na cidade de Abaetetuba-Pa quando se fala sobre inclusão de alunos na rede pública de ensino, pensam sobre a inclusão desses alunos em sua sala de aula regular, na escola que é referência no município sobre educação inclusiva, especificamente dos alunos com deficiência auditiva, visto que mesmo com leis que amparam a educação inclusiva dessas pessoas, percebemos que a inclusão representa ainda um desafio, para toda a comunidade escolar, principalmente para os professores que, de certo modo, não possuem formação em educação especial.

Para a base deste trabalho abordaremos autores Freire, Pimenta entre outros e textos como a LDB, entrelaçando com os relatos dos bolsistas sobre o convívio, diretos e indiretamente, com outros alunos portadores de necessidades educativas especiais em salas regulares.

O estudo partiu da reflexão sobre os saberes dos professores referentes aos alunos portadores de necessidades educativas especiais, devido a solicitação de um trabalho durante a disciplina Fundamentos Históricos e Conceituais de Educação Especial feito na universidade por uma aluna da turma de Pedagogia a mesma é bolsista do subprojeto supracitado acima, que teve que desenvolver um trabalho acadêmico referente à construção de um plano de aula para um aluno cego, a qual procurou ajuda com os bolsistas de matemática do mesmo subprojeto os quais não conseguiram ajudar na construção do plano de aula para esse aluno.

Partindo das experiências e vivências dos bolsistas que atuam na escola, e assim surgindo a seguinte indagação sobre: O que pensa os bolsistas pibid sobre a inclusão de alunos surdos em sala de aula regular? Uma vez que os bolsistas atuam na escola que é referência na inclusão de alunos portadores de necessidades educativas especiais.

A necessidade de reflexão a cerca do assunto justifica-se pelo fato dos bolsistas terem observado que os professores que atuam na educação básica não dominam libras para trabalhar os conteúdos das disciplinas com os alunos surdos, o que contribuiu para que os bolsistas venham a refletir sobre tal realidade vivenciada na escola. Desta forma um dos bolsistas relata sobre a inclusão de alunos portadores de necessidades educativas especiais na referida escola onde o subprojeto funciona:

A minha vivencia na escola me possibilitou ver de perto a inclusão praticada pela escola publica em reação a educação especial, mostrando que a inclusão ainda não atende todas as reais necessidades dos portadores de necessidades educativas especiais. Pois em relação aos alunos especiais ainda não possuem profissionais qualificados que auxiliem esses alunos em sala de aula causando a esses alunos sérias dificuldades em relação ao aprendizado.

Sendo que o professor diante desta problemática fica sem saber o que fazer, pois não recebe qualificação para trabalhar com os alunos especiais. (Bolsista C)

Para Celedón (2009), acredita que a inclusão é ato ou efeito de incluir, isto é, de compreender (entender alguém, aceita-lo como é), abranger (conter em si, mas também, apreender, perceber, entender, alcançar, atingir); a palavra inclusão no dicionário Aurélio trás como significado s.f. Ação ou efeito de incluir. / Estado de uma coisa incluída.

Entende-se por deficiência auditiva a perda parcial ou total da audição, causada por má-formação (causa genética), lesão na orelha ou nas estruturas que compõem o aparelho auditivo. Enquanto a deficiência auditiva moderada costuma ser compensada com a ajuda de aparelhos e acompanhamento terapêutico, pois não há perda total da audição uma vez que a deficiência auditiva moderada é a incapacidade de ouvir sons com intensidade menor que 50 decibéis; já a perda auditiva severa é quando a pessoa não consegue ouvir sons abaixo dos 80 decibéis e a profunda é quando a pessoa não escuta sons emitidos com intensidade menor que 91 decibéis e há casos de surdez total.

Sendo que para os alunos com perda auditiva severa ou surdez é fundamental para o profissional da educação trabalhar a Língua Brasileira de Sinais para a comunicação com os demais alunos com deficiência auditiva para o processo do ensino aprendizagem. O professor por sua vez precisa procurar independentemente de sua formação inicial cursos para aprender ou ao menos ter uma base para trabalhar a Língua Brasileira de Sinais/Libras com os alunos em sala de aula ou que tenham o acompanhamento de um intérprete em sala., garantindo assim uma maior inclusão dos alunos com deficiência auditiva.

A escola como referencia no processo de inclusão

Desde o ano de 2009 a escola tornou-se um pólo de referência aos alunos com deficiência auditiva, tendo uma equipe de apoio atuando na sala de recursos que foi construída em 2010 com recursos da próprios da escola.

Segundo o PPP da escola não se pode esperar que as condições da educação inclusiva seja favoráveis para que seja transformada a realidade atual. Uma vez que, algumas mudanças são consequências de provocações e tarefas difíceis. Assim, ao mesmo tempo que os professores sentem-se estimulados a buscar novos conhecimentos em outras áreas que os ajudem a colocar em prática ações que venham a contribuir com a educação inclusiva, pois eles se sentem despreparados pois o modelo de inclusão dos alunos surdos, não se garante, sequer, a presença de um intérprete. Sendo que o Art. 59º da LDB garante que os sistemas de

ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: assegura em seu inciso I que os currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades e inciso III que os professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Assim para que haja uma real inclusão no espaço escolar e na sociedade os professores precisam estar capacitados e preparados para trabalhar com os alunos com necessidades educativas especiais, visto que para poderem interagir com esses alunos em sala de aula, uma vez que eles também são cidadãos e que necessitam de conhecimento, pois também tem direito a uma vida digna. Assim a escola tentar possibilitar como um dos bolsistas relata que:

A escola conta com 23 alunos portadores de necessidades educativas especiais como deficiência física, auditiva, autistas entre outros. Embora a escola seja referência falta ainda recursos como placas com escritos em libras, indicando os espaços escolares como sala da direção, banheiros, sala de professores etc. (bolsista A)

Esses alunos precisam de oportunidades para que eles possam se desenvolver, tendo no aprendizado uma fonte que gera conhecimentos, sendo capazes de promover o seu desenvolvimento humano em seus aspectos científico, cultural, respeito à diversidade entre outros tendo como base, ao mesmo tempo, uma educação comprometida com a melhoria do ensino e da aprendizagem, resignificando a sua inclusão na escola e na sociedade.

Um pouco sobre o Pibid e o estágio na escola

O subprojeto Interdisciplinar de Licenciaturas em Matemática, Letras e Pedagogia vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid tem influenciado na formação acadêmica dos bolsistas uma vez que somos inseridos na realidade escolar durante estarmos cursando o ensino superior. O subprojeto iniciou em 2009 e teve sua implantação em 2010 com 24 bolsistas dos três cursos de licenciatura existente na universidade na época: matemática, letras e pedagogia e atuavam em duas escolas, uma de ensino público estadual e outra municipal. O subprojeto citada acima contem, hoje, 40 bolsista atuando em três escola de ensino fundamental e médio da rede pública e teve seu início na escola em questão em agosto de 2012.

O projeto acontece em três escolas diferentes, sendo que as três escolas estão inseridas no sistema público de ensino estadual. Neste texto chamaremos de escola A, a escola onde atuamos

como bolsistas e desenvolvemos nossas atividades e a qual relataremos as experiências e pesquisas a cerca da referida vivencia na escola.

Através do estágio pibid temos a oportunidade de vivenciar experiências dentro do espaço escolar, assim, essas experiências são constituídas de momentos de formação acadêmica para o exercício da docência, utilizando Paulo Freire como principal autor e as contribuições das propostas de educação freiriana para a educação em escolas públicas, objetivo desse programa. A partir disso, há evidencia e reflexão dos novos conhecimentos, os níveis de aprendizagem, as dificuldades encontradas para alunos e professores demonstramos ainda a vasta experiência pessoal e profissional que o subprojeto tem nos possibilitado e encorajado para seguirmos adiante na profissão docente, desenvolvendo a educação a partir da vivência com o outro, nesse caso os educandos, despertando assim também para a intervenção social que aqui se constitui com a responsabilidade necessária que adquirimos a partir do projeto em curso. É nesse sentido que começamos a olhar a educação como processo inclusivo e que todos têm os mesmos direitos em aprender independentemente de sua limitação física.

Então houve a seguinte questão: nós como futuros docentes, sem o conhecimento de Braille, de libras e de qualquer outra metodologia no ensino de alunos com algum tipo de deficiência, como iríamos ministrar aulas para esses alunos? De que maneira faríamos para que esses alunos também tivessem o direito a educação de qualidade? Para que de fato esses alunos aprendessem visto que, a maioria das escolas não tem profissionais que atendam esses alunos dentro da sala de aula e que a maioria dos professores não tem conhecimento de metodologias para ensinar esses alunos que precisam de uma maior atenção.

De acordo com Vasconcellos (2001, p. 41) “Todo o trabalho em sala de aula que fazemos com o conhecimento, tanto em termos de forma quanto de conteúdo, deve estar vinculado a esta finalidade maior da escola que é compromisso com a humanização”.

O subprojeto tem nos proporcionado um pouco de conhecimento a cerca das deficiências educativas especiais na qual daremos ênfase a deficiência auditiva, pois na Escola A é a deficiência predominante. Durante o estágio docente na escola, nos deparamos com alunos portadores de necessidades especiais e também fazemos acompanhamento na sala de recursos aonde esses alunos vão ao contra-turno, de suas aulas, para melhor haver um aprofundamento dos ensinamentos adquiridos em sala de aula e nós bolsistas estudamos um pouco sobre libras onde muitas vezes os próprios alunos surdos nos ensinam no momento em que auxiliamos os alunos na resolução das atividades havendo com que haja uma troca de conhecimento entre os alunos da escola e os bolsistas. Como revela um dos bolsistas:

Os professores da escola, a maioria deles, não tem conhecimento de libras e não conseguem dialogar com os alunos portadores de necessidades educativas especiais. Na sala que eu estava em estagio o professor parece que esquecia que na sala tinha alunos portadores de necessidades educativas especiais e não tentava, também, por não saber libras dialogar com esses alunos, dar a atenção que tanto eles precisam para o processo dinâmico do ensino aprendizagem. Muitos alunos tinham muita vontade de aprender, mas não conseguiam acompanhar as aulas, mas como a escola possui uma sala de recursos na qual atende os alunos portadores de necessidades especiais dando suporte para que os alunos consigam aproveitar mais as aulas, o conteúdo. A partir daí comecei a ter um olhar voltado para esses alunos que eram discriminados dentro do espaço escolar por seus colegas. Passando a refletir devido a convivência com eles a quem realmente acontece o processo de ensino aprendizagem para esses alunos que também tem direito a uma educação pública de qualidade para que possam ser protagonistas de sua própria história. (Bolsista B)

Essa troca de conhecimento através da vivência nos permite uma reflexão em torno da construção do conhecimento.

[...] o conhecimento não é dado nem na bagagem hereditária nem nas estruturas dos objetos: é construído, na sua forma e no seu conteúdo, por um processo de interação radical entre o sujeito e o meio, processo ativado pela ação do sujeito, mas de forma nenhuma independente da estimulação do meio. O que se quer dizer é que o meio, por si só, não constitui estímulo. E o sujeito, por si só, não se constitui sujeito sem mediação do meio; meio físico e social. É nesta direção que vai a concepção piagetiana de aprendizagem: sem aprendizagem o desenvolvimento é bloqueado, mas só a aprendizagem não faz o desenvolvimento. O desenvolvimento é a condição prévia da aprendizagem; a aprendizagem, por sua vez, é a condição do avanço do desenvolvimento. (BECKER 1993, p. 25)

Toda escola que possui alunos com deficiência auditiva tem o direito de receber um intérprete de Libras e material de apoio para as salas de recursos. Apesar dos portadores de necessidades especiais terem seus direitos respaldados na Constituição Federal como cidadão brasileiro, no inciso I do artigo 206 diz que o estado deve propiciar a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, mas esse direito na verdade não é respeitado, pois os portadores de necessidades educativas especiais não têm as mesmas condições que os alunos normais têm, dificultando o ensino aprendido deste.

Com objetivo de reduzir essa desigualdade foi criado pelo governo federal em 2011 o decreto 7611/11 conhecido como AEE (Atendimento Educacional Especializado), que especifica o atendimento contra turno e um ambiente adequado físico e profissionalmente a necessidade que todos os alunos possuem. Tornando obrigatório a escola atender os alunos portadores de necessidades educativas especiais nos contra turnos na sala de recurso. Amenizando um pouco essa exclusão vivenciada ao longo do tempo. Como em um dos relatos de um dos bolsistas:

Muitos alunos chegam à sala de recurso com pouca apreensão do conteúdo estudado em sala de aula, e a sala de recurso que deveria ser um instrumento para aprofundar conceitos de conhecimentos necessários para a compreensão dos conteúdos estudados em sala de aula passa a ser uma sala de aula para os alunos portadores de necessidades educacionais especiais, uma vez que os professores não conseguem muitas das vezes, construir o conhecimento com os alunos em aula. (Bolsista A)

Não basta conhecer as necessidades educacionais especiais mais sim intervir-las de maneira significativa na vida desses alunos, para que ele possa desfrutar de uma educação de qualidade proporcionando gozar de seu direito constitucional que é a educação de qualidade para todos. (Bolsista C)

Obstáculos para a efetivação da inclusão escolar

Um dos muitos obstáculos para que possa vir a ser efetivada a inclusão escolar das pessoas com necessidades educacionais especiais é a falta de formação, por parte dos professores, referentes aos conhecimentos e práticas para o processo de ensino aprendizagem desses alunos, os quais não se encontraram preparados para a inclusão desses alunos em sala de aula. A bolsista destaca que:

Vale destacar que apesar da formação acadêmica dos professores que atuam, hoje, na sala de recursos não ter dado suporte no conhecimento de libras, esses professores (as) vão à busca da autoformação para melhor contribuir no desenvolvimento de seu trabalho como educador. (bolsista A).

Os professores que atuam na escola que têm alunos com necessidades educacionais especiais incluídos em sala de aula devem buscar conhecimentos para auxiliá-los no processo de ensino aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais, visto que esses educadores muitas das vezes não recebem uma formação adequada referente ao processo de inclusão para melhor atuarem na escola. Um dos bolsistas em uma de suas falas relata suas angústias em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais:

Pois para esse professor também é angustiante não poder interagir junto com os alunos com necessidades educacionais especiais. E que também são discriminados pelos próprios colegas de turma, devido ao não acompanharem o restante dos alunos, causando isolamento e até mesmo o abandono da escola. Na sala de atendimento especializado esses alunos conseguem fazer suas atividades e se comunicarem facilmente entre si, com o apoio de recurso pedagógico e profissionais qualificados possibilitando que o aluno tenha muito mais estímulos em frequentar a escola e melhoram o convívio na escola e refletindo em uma sociedade mais coerente respeitando as diferenças e contribuindo em um convívio muito, mas harmônico. (Bolsista C)

Considerações Finais

Diante do exposto acima, julga-se que a sociedade supere o preconceito e a discriminação seja de gênero, cor, etnia, religião etc. para que seja necessário a construção de uma sociedade mais justa, menos fragmentada, mais igualitária; uma sociedade inclusiva, capaz de oportunizar aos seus cidadãos uma formação integral, tendo como intuito que os alunos com necessidades educativas especiais possam vir a atuar de maneira competente nos segmentos sociais, políticos e econômicos. Onde de fato venham a ser protagonistas de suas próprias histórias, pois também tem sonhos, anseios por uma vida digna.

Nesse sentido o subprojeto do pibid vem contribuindo para a formação de novos profissionais que sejam críticos e que busquem a melhoria para a educação, tendo desde a graduação um olhar para a educação inclusiva como possibilidade de garantia de direitos para

Assim, o programa dar a oportunidade ao discente de entrar em contato a realidade escolar e poder refletir sobre a busca de melhorias no processo de ensino-aprendizagem, além de exercitar o aprendizado que recebemos no Curso de graduação, somando conhecimentos, experiências e praticando as habilidades e competências necessárias de um educador comprometido com a educação e com a profissão docente.

“O exercício da atuação docente objetiva também desenvolver, nos acadêmicos do curso, habilidades, atitudes e valores que lhes possibilitem permanentemente ir reconstruindo seus saberes e fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano escolar.” (PIMENTA, 1999).

A partir dos relatos de experiências durante o estágio dos graduandos, bolsistas pibidianos, colaborarem para a construção e reflexão de vivências e experiências importantes no auxílio da formação crítica e reflexiva do futuro educador diante das mudanças educacionais na escola.

REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. **A epistemologia do professor**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRASIL. Constituição de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Documento subsidiário à política de inclusão / Simone Mainieri Paulon, Lia Beatriz de Lucca Freitas, Gerson Smiech Pinho. –Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

_____. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

CELEDON, Esteban R. **Inclusão escolar**: um desafio. geocities.com/profestebanpolango. Acesso em 19 de abril de 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

PIMENTA, S.G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

Revista Nova Escola. O que é deficiência auditiva? Ricardo Ampudia. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/deficiencia-auditiva-inclusao-636393.shtml>
Acesso em 19 de abril de 2013.

VASCONCELLOS, Celso S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001.